

A CASA DA FRAGA

*Diego Amoedo Martínez**

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir certos aspectos da vida social de uma pequena aldeia rural da Galiza, chamada Cortellas. Com uma comparação entre as diferentes definições da categoria analítica “Casa” e valendo-nos de exemplos etnográficos da Casa da Fraga ou dos Xulians, tentaremos mostrar algumas mudanças e persistências na organização social da aldeia e da família. Para tanto, num primeiro movimento localizaremos a aldeia e daí partiremos para a discussão de natureza teórica, trazendo as contribuições de autores como Lévi-Strauss, Pierre Bourdieu e Carmelo Lisón Tolosana, que fizeram importantes aportes para essa categoria analítica. Para finalizar, tentaremos fazer uma articulação entre teoria e campo, perpassando diferentes processos a partir de dois eventos centrais da vida social da aldeia: a matança do porco e a festa de San Francisco. Através da descrição das funções que se desenvolvem nesses eventos descreveremos as relações de parentesco e de vizinhança, suas atividades e posições.

PALAVRAS-CHAVE: Casa; Família; Parentesco; Vizinhança; Transformação.

* Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram com comentários e leituras deste texto e de todas as versões anteriores, em especial a Lucybeth C. de Arruda (Lu) e Juliana de Arruda Sampaio (Ju). A Mauro Almeida por me instigar a repensar minha condição familiar. Agradeço também a atenta leitura do parecerista escolhido pelos editores da revista. Como não poderia ser de outra forma este texto está dedicado também a todos os Xulians e principalmente à minha família. A todos eles e a alguns mais o meu sincero muito obrigado. Mestrando do Programa de Antropologia Social – PPGAS – IFCH – Unicamp. Bolsista FAPESP. Contato: amoedo.diego@gmail.com.

LOCALIZANDO AS CORTELLAS

A Galiza é uma Comunidade Autónoma incluída no Estado espanhol, está dividida em quatro províncias (A Coruña, Lugo, Ourense e Pontevedra) estando a aldeia de Cortellas localizada na província de Pontevedra. Dentro de Pontevedra está o município de Pontearreas – a que pertence a aldeia de Cortellas –, situado na área de influência da cidade de Vigo, maior núcleo populacional da Galiza que conta com quase 300 mil habitantes e cuja importância econômica vem do seu porto pesqueiro e de uma fábrica de automóveis.

As Cortellas é uma pequena aldeia pertencente à paróquia¹ de Padróns (655 habitantes), município de Pontearreas (25.000 habitantes aproximadamente). A aldeia de Cortellas está localizada numa das encostas da serra do Galleiro, num vale banhado pelo córrego Borbén², e do outro lado do vale está a paróquia de Padróns. A aldeia, no total e segundo os dados do Instituto Nacional de Estadística, é constituída por 85 casas³ e 180 habitantes⁴.

Além dessas casas particulares, Cortellas conta com alguns edifícios que são propriedade comum dos vizinhos: uma escola comunitária, fechada há quatro anos por falta de crianças (seis é o número mínimo de alunos para que o governo estadual custeie um professor; na atualidade uma dúzia de mulheres assistem a aulas de pintura ministradas por uma professora da aldeia), uma *capilla* (igreja de pequenas dimensões) e o *teleclub*, local social construído

¹ Segundo o dicionário da Real Academia de la Lengua Española, parroquia seria exclusivamente na Galiza: *En los municipios rurales, demarcación administrativa local, aunque carente de reconocimiento legal expreso.*

² Em frente das Cortellas, do outro lado da margem do córrego Borbén, situa-se a aldeia que dá nome a outra Paróquia, Paredes.

³ Quando usamos casa estamos fazendo referência a habitação; no entanto, Casa tem uma conotação mais abrangente, constituída por um conjunto de relações sobre as quais tratarei ao longo do texto.

⁴ Fonte: <<http://www.ine.es/nomen2/index.do?accion=busquedaRapida&subaccion=&numPag=0&ordenAnios=ASC&nombrePoblacion=Cortellas&botoBusquedaRapida=Consultar+selecci%F3n>>. Acesso em: 2 de junho de 2011.

pelos vizinhos das Cortellas em 1969. *Teleclub* é o nome frequente para esse tipo de lugar, pelo fato de terem sido concebidos para albergar o primeiro receptor de televisão das aldeias, mas esse não foi o caso das Cortellas, pois, segundo relatam os mais velhos, foi o senhor *Merello* a primeira pessoa a adquirir uma televisão. Atualmente o *teleclub* é administrado pelo Centro de Animação Rural das Cortellas (CEAR).

O CEAR organiza também diferentes eventos destinados à dinamização da vida social da aldeia. Assim, até seis anos atrás existia nas Cortellas um grupo de *gaiteiros*, um grupo de *baile tradicional* e um grupo de teatro. Na atualidade o *teleclub* é gerido por 12 pessoas, cada qual encarregada de abrir o estabelecimento, que funciona muito mais como um lugar de reunião dos vizinhos do que propriamente como um local comercial. São os jovens que costumam frequentar o *teleclub* nos dias de semana, quando jogam carteadado, bebem cervejas e conversam sobre o trabalho e amenidades. Aos domingos são os senhores mais velhos que se encontram lá. Nesse dia, o *teleclub* abre mais cedo, ao final de tarde, para que esses senhores joguem o carteadado e tomem a sua água tônica. Hoje em dia, a maioria das pessoas trabalha fora da aldeia, normalmente em setores como o da construção civil, em sítios fora desse contorno aldeão, tendo que sair todos os dias de manhã da aldeia e voltar somente à noite. Praticamente, durante todo o dia, a aldeia fica nas mãos dos mais velhos.

Tendo como pano de fundo essa aldeia, suas espacialidades constitutivas e uma rede de sociabilidade vinculada às lógicas de entendimento particulares que os sujeitos constroem à medida que habitam essa paisagem, queremos neste trabalho abrir uma pequena discussão sob o conceito de Casa, trabalhado a partir de diferentes abordagens teóricas, variados contextos e sob diferentes focos. Em um primeiro momento, expomos as definições e conceitos que vamos trabalhar, a saber, o conceito de Casa, e também o de parente, com a intenção de articular essas duas noções na perspectiva do contexto das Cortellas e da família dos Xulians ou da Fraga.

DISCUSSÕES SOBRE A CASA

A Casa foi a via que Lévi-Strauss encontrou para solucionar um paradigma que tem a ver com sociedades formadas por unidades que não se deixam definir como famílias, nem como clãs ou linhagens, sendo preciso, para compreendê-las, introduzir na nomenclatura etnológica a noção de “casa” (Lévi-Strauss, 1986, p. 185). Diante da incapacidade mostrada pelas categorias usadas nos estudos de parentesco, aliança e descendência, no que diz respeito aos índios kwakiutl da Colúmbia britânica, aos yurok da Califórnia, assim como à Casa medieval europeia e japonesa, a noção de Casa conseguiria definir esses sistemas sociais. Segundo Lévi-Strauss Casa seria:

peessoa moral detentora de um domínio, que se perpetua pela transmissão do seu nome, de sua fortuna, de seus títulos em linha real ou fictícia, considerada como legítima somente na condição de que essa continuidade possa se expressar na linguagem do parentesco ou da aliança e, na maioria dos casos, das duas em conjunto. (*Ibid.*, p. 186)

Penso que o fundamental nessa noção é conformar mais de um princípio, seja “na linguagem do parentesco ou da aliança”, com o intuito da permanência e constituição do grupo social, não sendo possível lançar mão desses princípios de forma isolada. Essa Casa referida por Lévi-Strauss poderia ser visualizada no contexto europeu, ligada às famílias reais, de nobres, em que privilégios, títulos, propriedades e diferentes funções eram passadas de geração em geração.

Derivada desse sentido de noção de Casa há, na Espanha, expressões como “a casa dos Bourbons”, “a casa dos Habsburgo” ou ainda “a casa dos Áustrias”. Foram essas expressões um dos motivos que me fez olhar para a noção de Casa de Lévi-Strauss, pois na aldeia Cortellas se faz referência semelhante. Nesse caso, estamos nos referindo à Casa da Fraga ou ainda dos Xulians. É importante dizer que não existe nenhuma casa que seja real ou ligada à nobreza nas Cortellas, mas acreditamos que alguns aspectos

socioculturais replicados ainda hoje estão inseridos num processo de longa duração e fazem parte de um contexto mais amplo, que aqui estamos chamando de contexto “europeu”.

Mas, antes de nos determos nessa noção de Casa com mais vagar, agrego as reflexões sobre a concepção de Casa do antropólogo Carmelo Lisón Tolosana⁵, cujos trabalhos também servem de horizonte para esta pesquisa. Chamamos atenção para o livro *Antropología Cultural de Galicia*, em que apresenta uma pesquisa de fôlego, cuja publicação se constitui de 12 capítulos, dos quais dedica seis exclusivamente para o debate sobre transmissão da herança, e outros três para a organização socioterritorial (município, paróquia e aldeia). Nessa publicação é possível perceber como, aos olhos desse antropólogo, é central a transmissão da herança e de terra, considerando a Casa referência primeira. Ele entende a Casa como “principio organizador e interpretativo; designa família, linealidad en la sucesión, bilateralidad *sui generis*, leiras, lugar de residencia, economia, ideología consciente de todo lo anterior” (Lisón Tolosana, 1971, p. 380). Outro estudo que gostaríamos de apresentar aqui é o de José Antonio Fernández De Rota y Monter: *Antropología de un viejo paisaje gallego* (1984). O autor – aluno de Lisón Tolosana – descreve as dinâmicas de diferentes aldeias do Norte da Galiza, focando, no segundo capítulo, nas “casas”. Assim, o autor aborda as relações sociais do grupo familiar desde o espaço doméstico até os relacionamentos intercomunitários. Privilegia também a “casa” como uma categoria analítica, que subdivide analiticamente em dois: a casa como espaço físico, arquitetônico, e o espaço doméstico, denominado por ele de “casa-vivenda” ou “centro doméstico”. Primeiramente aborda a parte física para, no decorrer do capítulo, abordar a casa como uma entidade social, econômica e simbólica (Fernández De Rota y Monter, 1984, p. 127)

⁵ Lisón Tolosana vem desenvolvendo pesquisa de campo em diferentes contextos, principalmente na Península Ibérica, sendo que, na Galiza fez pesquisa de campo entre 1964 e 1965. Durante sua carreira, vários são os títulos que têm a Galiza como foco; destacamos aqui: *Antropología Cultural de Galicia* (1971), *Endemoniados en Galicia hoy* (1984) e vários artigos, como, por exemplo, “La casa en Galicia” e “Breve historial brujesco gallego”, incluídos numa coletânea chamada *Ensayos de Antropología Social* (1973), cujo prefácio foi realizado no ano de 1972, durante sua estada na Universidade de Campinas –Unicamp.

dentro da organização social dos lugares⁶. Entidade que estaria além das pessoas e que, além de representativa na vida social, teria como característica importante a sua necessidade de reprodução (*ibid.*, p. 128).

Ao citar a Casa como princípio organizador (Lisón Tolosana) e como uma entidade social, econômica e simbólica que precisa garantir a sua reprodução (Fernández de Rota y Monter), ambos os autores nos fazem evocar a *maysou* da zona do Bearn francês trabalhada por Bourdieu em sua obra *El baile de los solteros* (2004). Para o autor francês, a *maysou* é:

el conjunto de bienes muebles e inmuebles que conforman la base económica de la familia, patrimonio que se debe de mantener indiviso a lo largo de generaciones, entidad colectiva a la cual cada miembro de la familia debe subordinar sus intereses y sus sentimientos, la “casa” es el valor de los valores, respecto al cual todo el sistema se organiza (Bourdieu, 2004, p. 44).

Em nossa interpretação, os conceitos de Casa de De Rota, Lisón Tolosana e Bourdieu são convergentes devido ao fato de provirem de trabalhos etnográficos. Os três autores encontram-se no mesmo lado, diferenciando-se do enunciado de Lévi-Strauss, que é resultado de uma grande revisão de termos, conceitos e categorias iniciada nas *Estructuras elementares do parentesco* (1942). Essa divisão é também um recurso metodológico para melhor acercar as diferentes visões, pois, em nossa interpretação, as concepções de Casa dos três autores convergem também no que diz respeito à transmissão

⁶ Lugar de casas é uma categoria analítica usada também pelo autor. Baseada na necessidade de cooperação dos outros vizinhos em algumas atividades agrícolas, como por exemplo a malhada do trigo, o autor elabora uma análise, que pode ser consultada em um artigo posterior (Fernández de Rota, 1987), acerca do que o autor chama: *área de malla* (*Ibid.*, p. 66). A área de malhada corresponderia a uma área geográfica, socialmente delimitada, em que todas as casas que nela se encontram cooperam com a malhada das outras casas; todas e cada uma das casas da área tem representação na totalidade das malhadas. Também usa essa mesma noção como *lugar funcional*, devido à operacionalização do lugar com base na necessidade de uma determinada função.

o e reprodução da Casa. Vamos começar pelas semelhanças, depois esboçar as diferenças, e finalmente articular esse conceito às Cortellas.

A Casa entendida como instituição perpassa os limites geográficos e, em diferentes formatos, aparece como figura central. Lévi-Strauss nomeia vários grupos sociais de contextos totalmente diferentes, como a nobreza medieval europeia, os Kwakiutl, os Yurok e o Japão, para verificar o que há de comum entre eles, que é a “pessoa moral” que detém o domínio representado na Casa.

Fernández de Rota y Monter, Bourdieu e Lisón Tolosana falam de contextos rurais da Galiza e da França, e quanto a uma forma de permanência no espaço ligado à terra e a uma economia própria de garantia de reprodução do grupo social. Mas, mesmo assim, poderíamos congregiar as três abordagens e dizer que possuem uma representatividade em comum, que estão para além das pessoas e do tempo, e por isso se compõem também em esferas morais, no sentido de transcender a materialidade da Casa que a constitui essa representatividade, mas sem perder a referência dessa espacialidade que é material, fazendo com que o imaterial dê o suporte ao material, e vice-versa. Fernández de Rota y Monter (1984, p. 50) chega a definir a casa e os lotes circundantes indivisos como o santuário familiar.

A moralidade está presente, seja ela concebida na “pessoa”, como dito por Lévi-Strauss, seja ela percebida nas práticas, como afirma Tolosana, ou na parte mais física, ligada à terra, como explicitado por Fernández de Rota y Monter, ao explicar que o ponto de vista moral entra como elemento que garante e respalda uma ação que vem sendo produzida e reproduzida como parte de um processo histórico impregnado de princípios e normas:

Su comportamiento familiar sucesorio se desvía de los principios tradicionales pertinentes, sufre el castigo correspondiente. Las transgresiones éticas producen remordimientos, pesadillas nocturnas, sueños ominosos, visiones y alucinaciones. Prueba contundente de que la norma cultural propia de cada diferente subsistema familiar está revestida y expresada en términos de moralidad (Lisón Tolosana, 1971, p. 400).

A nosso ver, a diferença que há em relação aos termos morais que Lévi-Strauss centra na “pessoa”, e Tolosana, em especial, nas práticas, reside no contexto em que essa moralidade é acionada. Para Lévi-Strauss a “pessoa moral” possui os domínios de bens materiais e imateriais e vai utilizar tanto o parentesco quanto a aliança, se for necessário, para manter a reprodução da Casa representada na propriedade, no *status*, na riqueza e no poder. E são acionadas através desses valores, em alguns casos, questões externas à transmissão via parentesco. Como analisa Gordon (1996) em resenha sobre “About the House: Lévi-Strauss and Beyond”:

A casa aparece como um “fetiche”, constituída pelo parentesco cognático, ou pelo conflito entre dois modos concorrentes de descendência; tensão instaurada na relação entre paternos e maternos – “tomadores” e “doadores” – em busca de vantagens políticas e econômicas (...) elas são formas “híbridas”, nas quais os interesses políticos e econômicos que começam a invadir o campo social são obrigados a se expressar, na falta de um próprio, no único idioma possível, o do parentesco, terminando por subvertê-lo (Gordon, 1996, p. 192).

Corroboramos a análise de Gordon, e, em nosso entendimento, esses interesses externos que invadem o campo social são diferentes das práticas que Tolosana diz serem acionadas para manter o sistema de transmissão da propriedade via sistema de parentesco. A noção de Tolosana vai na direção de procurar alternativas em ações morais como a “*pesadillas nocturnas*”, com vistas a manter as normas e os princípios que conformam a Casa no grupo social por intermédio do filho(a) *mellorado(a)*⁷. E, quando isso não acontece, como veremos no caso dos Xulians, cria-se uma alternativa argumentativa de priorizar a manutenção da Casa, mas, aí, aciona-se também o coletivo, o grupo social como prioritário.

⁷ *Mellorado* é a pessoa que, depois de partilhadas as propriedades da Casa, fica com a casa.

A CASA DA FRAGA

Os Xulians – ou os da Fraga⁸ – é uma extensa família que se encontra direta ou indiretamente ligada a quase totalidade das Casas que existem nas Cortellas. Isabel Amoedo foi quem herdou a Casa da Fraga. Isabel, mulher de 83 anos, teve oito dos seus nove irmãos casados nas Cortellas, sendo Daniel aquele que se casou fora da aldeia, em Paredes⁹. Esse caso nos serve de exemplo para apresentar alguns aspectos acerca das unidades sociológicas organizativas da aldeia, onde a casa é transmitida de forma matrilinear, sendo normalmente herdeira a filha mais jovem. Isabel Amoedo não era a filha mais nova, mas, segundo ela mesmo disse, ficou com a casa porque foi a que aprendeu a coser. Já as outras irmãs mais novas, Ángela e Elvira, saíram da casa, jovens, para trabalhar e *servir* noutras casas. Ángela, que é a filha mais nova, casou com o senhor José, não natural de Cortellas. Francisco Amoedo Rial (pai de Isabel e Ángela) tinha comprado uma *casa velha* nas Cortellas para ela; assim, o casal formado por Ángela e José morou na casa da Fraga até que sua casa estivesse acondicionada para poderem morar lá. Elvira, ao contrário, foi servir na casa da Cova (das Cortellas), onde o único herdeiro era José, com quem se casou, ficando naquela casa. Foi assim que Isabel Amoedo ficou encarregada de sustentar a Casa, contando com os pais e com os irmãos que ainda não tinham casado. *Casar en casa e mellorado* são as expressões mais comuns que se usam na aldeia para definir a pessoa que ficou com a responsabilidade da Casa, nesse caso Isabel Amoedo, e, atualmente, ela já repassou a responsabilidade para a filha mais nova, Esther Martínez. Isabel Amoedo tem quatro filhos – Carmen, Laurentino, Ángel e Esther (cronologicamente ordenados) –, oito netos – Olga e Fidel por parte de Carmen, Marcos e

⁸ Tanto Xulians como Fraga são concepções que remetem a casa em questão. O nome de Fraga seria porque o lugar onde foi construída a casa era uma fraga, uma pequena mata de carvalhos e castanheiros. A expressão Xulians, por seu turno, viria da tia Xuliana, segundo nos relatou Isabel Amoedo. Assim, encontramos nas Cortellas casas que têm nome de pessoa, outras que têm nome de lugares e outras com nomes de pessoas e lugares.

⁹ Em frente às Cortellas, do outro lado da margem do córrego Borbén, está a Paróquia de Paredes.

Miguel Ángel, de Laurentino, Ángel e Cristina, de Ángel, e Dego e Isabel, filhos de Esther – e três bisnetos – Bruno, filho de Olga; David, filho de Marcos, e Hugo, por parte de Fidel.

Antes de continuar, é necessário esclarecer como era feita a *partilla*¹⁰. A *mellorada* ficava com a Casa e com os lotes que circundavam a casa, conhecidos como *eido*. Uma vez adjudicada a casa, as demais propriedades eram partilhadas entre os irmãos restantes, tanto homens como mulheres. As mulheres eram as que preferencialmente levavam maior proporção de propriedades, como constatamos também no relato da partilha anteriormente mostrada, em que Isabel Amoedo ficou com a casa. Para aclarar esse ponto, vamos expor brevemente como Isabel Amoedo fez a partilha.

Esther Martínez recebeu a casa e o *eido*¹¹. No conjunto de propriedades com que contava a Casa dos Xulians, havia também um galpão vizinho à casa, que abrigou na década de 1970 uma exploração dedicada a criação de gado suíno, e um outro lote chamado *carballeira*, também ao lado da casa. Ambas as propriedades foram para Carmen, filha mais velha de Isabel. Já os lotes mais distantes ficaram com os filhos de Isabel: Ángel e Laurentino.

Assim, a *Carlacha*, o *Eido de Abaixo* e a *Veiga da Fraga* couberam a Ángel, Laurentino e Carmen, respectivamente. Note-se que Esther não entrou nessa parte. Até aqui, trata-se dos lotes que ficavam num raio aproximado de 200 metros de distância da casa. Se formos ampliando esse raio, veremos que a Esther só coube outro lote, nos confins da aldeia, em terras que eram usadas principalmente para a plantação de milho, trigo e centeio. Os lotes anteriormente citados têm, todos, uma vinha ao redor, e neles eram cultivados batatas, milho, feijão, feno etc. Da mesma forma, eram partilhadas as propriedades de uso florestal, utilizadas como reservas de madeira e de onde também se obtinha material vegetal necessário para fazer as camas do gado que depois viravam estrume.

Uma vez feita a partilha, as propriedades seguiam sendo trabalhadas pela Casa até o momento em que o “novo” proprietário casava-se

¹⁰ Ação de partilhar, dividir as propriedades da Casa.

¹¹ Para mais informações, ver Fernández de Rota, 1984, especialmente capítulo 2.

e abandonava a Casa. Se, depois de casados, o marido e a mulher decidiam emigrar, as terras seguiam sendo trabalhadas e administradas pela Casa. Existiam estratégias para preservar o patrimônio, como o *cousinage*¹² – isto é, o casamento entre primos –, ou, ainda, não casar. Nesse último caso, o que acontecia normalmente era a emigração.

Não encontramos na família nem na aldeia relatos de partilha de um mesmo lote, mas, prestando atenção à forma, distribuição e nomeação de alguns lotes, parece possível vislumbrar um passado em que a partição de um mesmo lote entre os membros de uma família fosse praticada.

Com a repartição das propriedades, estamos quebrando um princípio fundamental apresentado tanto na definição de Bourdieu como na de Lévi-Strauss. O patrimônio ligado à Casa deveria ser transmitido de maneira integral. A unigenitura é a forma como se transmite a herança tanto no extremo oriental da Galiza (Lisón Tolosana, 1971; Pérez García, 2008), quanto na zona dos Pirineus espanhóis e franceses (Bestard, 2008; Bourdieu, 2004). Nesses lugares o primogênito ficava com todo o patrimônio da Casa, não existindo a partilha, como em nosso caso etnográfico. A unigenitura seria praticada nesses contextos por via agnática, o que implicaria a mobilidade dos outros filhos, tanto de sexo masculino como de sexo feminino. A principal questão da obra de Bourdieu – que chega a ser enunciada no subtítulo, *La crisis de la sociedad campesina en el Bearne* – é o problema que enfrentam os primogênitos para casar e assim poder reproduzir a *mayson*. A crise na sociedade camponesa viria justamente dessa dificuldade experimentada pelos filhos mais velhos para casar, devido à irrupção dos valores citadinos naquela realidade. No livro de Bourdieu, esse argumento vai se complexificando, pois ele é resultado de um trabalho de campo feito na década de 1950, a que corresponde o primeiro dos três artigos

¹² Várias são as linhas horizontais que atravessam o diagrama de parentesco da família da Fraga. Aparece no esquema genealógico a família dos Sardóns, porque Esther (atual herdeira da casa) está casada com Domingo Amoedo. Além do matrimônio entre Esther e Domingo, Ilda e Salvador fazem parte das mesmas famílias.

que compõem o livro: “Celibato y condición campesina” (1962). O resto do livro é composto por mais dois artigos, escritos nas décadas de 1970 e 1980, em que o autor revisa o mesmo material etnográfico da década de 1950. Nessa revisitação é possível acompanhar como o autor vai aprofundando seus conceitos teóricos, expandindo os dados do trabalho de campo.

Lisón Tolosana, em uma abordagem estrutural, trabalha com a noção de Casa na Galiza tendo como foco o grupo doméstico; a Casa operaria como uma unidade econômica e parapolítica, uma unidade moral (Lisón Tolosana, 1973, p. 132). Seis seriam as características dessa unidade: residir sob o mesmo teto, ser conhecido pelo nome da Casa, comer na mesma mesa, trabalhar as mesmas terras, participar da *bolsa única* da Casa e deliberar em comum (*ibid.*, 1974, p. 134). Todas essas funções e/ou características definidoras internas serão agora analisadas, tendo como base a Casa da Fraga.

A transmissão da Casa não é feita de forma brusca e repentina, mas sim de forma processual, em função das diferentes configurações familiares e das diferentes perspectivas ou possibilidades que as pessoas ligadas à Casa têm nesse momento. Tentando fazer uma analogia, poderíamos dizer que seria como um ciclo de vida: conforme os mais velhos vão ficando mais débeis, perdendo aptidões não só físicas, os mais novos vão ganhando experiência, até o mando da Casa ficar com a herdeira, com quem ocorrerá o mesmo devido à velhice.

No primeiro momento, após a declaração da *partilla*, a dona da Casa é que segue mandando e dispendo de tudo¹³. No ano de 1974, o casal formado por Carmen e Daniel decide emigrar para Alemanha. Na Fraga moravam Isabel Amoedo e seu esposo Ángel Martínez, com os seus filhos mais novos, Esther e Ángel (esse seria o grupo doméstico, formado por pais e filhos

¹³ De como esse processo se vai (re)configurando e suas implicações, sobretudo no que diz respeito à figura do genro, ver Lisón Tolosana (1971), especialmente o capítulo VIII: “A manda matrilineal”. O genro, de mero prestador de mão de obra – que está à disposição do que a dona de casa e sua filha (a sua esposa) ordenam – passa a ser o homem da casa. Nesse caso, o homem entra na casa como uma espécie de boneco, trabalha no que a sogra diz, não recebe dinheiro algum, e o que mais interessa dele é que garanta a perpetuação da Casa, sendo algumas vezes até expulso após o nascimento de um filho (Lisón Tolosana 1971, p. 243-273)

solteiros). Laurentino estava trabalhando em Vigo numa fábrica de veículos. Quando Carmen e Daniel partiram, deixaram aos cuidados da Casa os seus filhos, Olga, com três anos, e Fidel, com seis meses. Todas essas pessoas se encontravam sob a decisão de Isabel. Durante seis anos, a Casa assumiu o cuidado e a criação deles. Quando o casal voltou da Alemanha (1980), Esther estava preparando o casamento com Domingo – que aconteceu em 1981 –, e eles também já planejavam sua partida para Suíça, pois lá estavam os pais de seu esposo. Domingo já tinha trabalhado na Suíça 4 anos, de 1977 a 1981. Durante aqueles anos, Domingo voltava para as Cortellas seis semanas no verão. Daniel e Carmen compraram um apartamento em Vigo, onde moravam durante a semana com seus filhos, e aos finais de semana voltavam para as Cortellas, para a casa. Ángel também casou com Marisa (já falecida) e foi morar em outra aldeia vizinha, da mesma paróquia.

A configuração atual da Casa da Fraga é a seguinte: Isabel mora na casa. Esther e seu marido Domingo dormem em Ponteareas, mas, assim que acorda, ela vai até as Cortellas (10km de distância) e passa o dia cuidando da horta, galinhas, porcos, videiras, das relações sociais, enfim, da Casa. Seus filhos já têm independência, mas Isabel, filha de Esther, almoça com eles todos os dias. E Deago é a pessoa que de fato mora na casa com a avó Isabel. Atualmente, ele está morando no Brasil, onde faz pós-graduação. Mas, nas férias e sempre que pode, retorna para sua casa.

Carmen, a filha mais velha de Isabel, tem uma casa nas Cortellas e mora com seu marido Daniel. Quanto a seus filhos, Fidel já tem a sua casa nas Cortellas, em frente à casa de Isabel Amoedo, e mora com sua esposa Sandra e seus filhos (Lucía, Noelia e Hugo) – ele fez sua casa na *carballeira* (lote que herdou sua mãe, Carmen –; e Olga mora em Vigo com o seu marido José e seu filho Bruno. Ángel (viúvo) mora numa casa feita por ele, a uns dois quilômetros, na aldeia de origem de sua esposa Marisa, onde mora com sua filha Cristina e sua sogra Laurentina, e seu filho Ángel mora na cidade de Vigo, onde está fazendo a graduação universitária; Laurentino (filho mais velho de Isabel) casou com Asunción e mora atualmente em um município costeiro chamado Nigrán, com o seu filho Miguel Ángel. Marcos, o filho mais velho, casou com Tati, e eles têm um filho chamado David e moram em Baiona.

Abrimos um pequeno parêntese para comentar o caso particular de Ángel. Após a morte de sua esposa, ele tem a Casa novamente como referência, praticamente com o mesmo *status* de quando era solteiro. Mesmo com a sua sogra morando com ele, Esther assumiu a responsabilidade de algumas atividades para com a casa de Ángel, como ajudá-lo na orientação dos filhos, da criação de gado, ir com Laurentina ao médico, entre outras atividades; outra tarefa de responsabilidade de Esther, não só para com Marisa (esposa falecida de Ángel), mas também para com a Casa, é a manutenção dos jazigos de todos os Xulians que já morreram e que se encontram enterrados no Cemitério da Paróquia. De *15 em 15 dias*, ela limpa e troca as flores.

Pina-Cabral & Lima (2005), em um texto que trabalha a história de família como ferramenta metodológica, abordam a importância de conhecer os horizontes do parentesco, desde a referência de *Ego* até saber quem ainda é parente, e como isso pode ser verificável através do método genealógico, tal como trabalhado em Rivers (1991). Eles apontam dois processos importantes a serem percebidos: “retração” e expansão do parentesco. Para explicar o processo de expansão dos limites do parentesco, eles dão o exemplo de relações como compadrio ou amizade, relações que criariam um parentesco fictício ou experimental (Pitt-Rivers, 1973). O processo de “retração” de parentesco, ao contrário, se daria com os parentes mais distantes, no que diz respeito aos relacionamentos pessoais. Essa distância seria de classe, educacional ou residencial, física ou geográfica.

Ao fazermos essa referência, queremos apontar para uma reflexão metafórica usada por Bourdieu (2004) acerca de parentes e distância, tanto genealógica quanto geográfica. Segundo Bourdieu, as ligações representadas num esquema genealógico conformam uma série de caminhos. É preciso usar esses caminhos e mantê-los, senão o mato cresce e eles desaparecem. O sentimento de pertencimento a Casa também pode ser analisado tomando como base a manutenção e uso desses “caminhos” referidos por Bourdieu, ou ainda, com os processos descritos anteriormente.

Por exemplo, o fato de pertencer aos Xulians ou à Casa da Fraga é mais relevante para Fidel e Olga porque eles foram socializados naquele contexto. Eles mantêm ligações com aquele lugar e com a avó Isabel de forma

diferente daquela de Miguel Ángel e Marcos, filhos de Laurentino. Estes nasceram e foram criados na cidade de Vigo, não tiveram uma infância tão ligada à Fraga, ainda que passassem algumas temporadas de férias na aldeia. Assim, torna-se complicado usar o termo Xulian em um contexto que não faz sentido como, por exemplo, na cidade. Quando eles se referem a Casa, o termo genérico “aldeia” bastaria, devido à familiaridade que as pessoas de Vigo têm com as aldeias.

Foi na década de 1960 que começou o processo de industrialização de Vigo, atraindo muitas pessoas de contextos rurais. A maioria das pessoas que moram na cidade de Vigo tem uma referência aldeã ou rural onde passaram as férias de verão até a adolescência, aonde vão alguns finais de semana visitar a avó, acodem a comidas familiares ou diferentes festividades. Outro termo frequentemente usado é *la casa de la abuela*¹⁴.

Fidel e Olga mantêm uma vida social mais ligada com As Cortellas. Foram criados parte de sua infância na Casa da Fraga e, depois que Carmen e Daniel retornaram da Alemanha, moraram em Vigo, mas sempre passavam tanto os finais de semana quanto as férias da escola em Cortellas. Outro fator que deve ser levado em conta é que Carmen é *prima carnal* (consanguínea) de Daniel, ela é filha da irmã de sua mãe, isto é, prima materna (MSD), o que faz com que Fidel e Olga tenham ainda muitos primos nas Cortellas, já que as irmãs Isabel Amoedo e Laura Amoedo casaram nas Cortellas.

Na aldeia a descendência é bilateral, mas, como afirma Pina-Cabral (2011, p. 3), com um “forte pendor uxorilateral”. A ligação com a aldeia é bilateral para Fidel e Olga. No entanto, para os filhos de Laurentino seria só virilocal, pois sua esposa é natural de Ourense, uma outra província galega, o que a define como de outra aldeia. Fidel é atualmente o administrador do *teleclub*, o que implica uma relação quase cotidiana com seus parentes. Ademais, Fidel e Olga se referem a Isabel (sua avó) como *Mama Sabel* e consideram a Casa sua própria casa, a nossa Casa.

¹⁴ A expressão está em espanhol, repare-se que se está falando da cidade. Ainda hoje em dia nas Cortellas é marcada a diferença do uso da língua, pois as pessoas que foram socializadas na cidade têm como língua materna o espanhol, sendo maioritário o uso do galego nas Cortellas. Algumas das frases que aparecem ao longo do texto em itálico estão em galego.

Não queremos com isso dizer que o fato de não morar nas Cortellas seja de alguma forma determinante nas relações que se estabelecem para com a Casa. Dá para perceber que essa distância geográfica não foi um motivo para aumentar as distâncias sociais com relação à Casa, uma vez que, mesmo estando geograficamente distante, essas pessoas seguem atualizando, renovando, de diferentes modos, suas conexões com a Casa. O que nos conduz a observar que, menos do que o gradiente de afastamento físico, são as diferentes atividades e a presença nelas que contêm e manifestam sentidos de pertencimento à Casa.

E, nesse sentido, observamos haver estratégias sociais utilizadas para ampliar as relações de permanência e manutenção dos vínculos familiares. Laurentino, por exemplo, mantém laços fortes com a Casa. Ele nasceu lá e saiu com 15 anos para trabalhar em Vigo, onde morava com seu tio Daniel, irmão de Isabel. O que poderia ser visto como uma forma de extensão da Casa, pois Daniel já tinha casado com Diolinda, mas acolheu seu sobrinho.

Um exemplo de atividades que persistem e operam como administradoras desses gradientes de proximidade e afastamento, e que definem os laços de parentesco, é a criação e matança do porco, assim como a produção do *chourizo*, do *xamón* ou vinho. Todas essas atividades são feitas na casa da Fraga. Esther, durante parte do ano, cria dois porcos, um para a Casa e outro para Laurentino, pois ele é o único irmão que mora num lugar onde não pode criar porco. A *matanza* do porco faz parte da prática cultural de manutenção alimentar da Casa para o ano inteiro. O dia da *matanza* é um desses dias em que toda a família se reúne. Vale frisar que uma prática desse tipo faz com que Laurentino tenha ainda a Casa como referência principal. Vamos explicar brevemente em que consiste a *matanza*, o que e a quem essa prática mobiliza, para dar maior abrangência aos elementos que acabamos de introduzir.

A CASA NAS FESTIVIDADES

Onze de novembro é o dia de São Martinho e, na Galiza, dita o refrão: *En San Martiño mata o teu porquiño*. Esse dia marca o princípio da temporada

da *matanza*¹⁵. No dia da *matanza* – em que são sacrificados os suínos –, os filhos, netos e bisnetos de Isabel se juntam todos na Casa. Como se fosse um dia de festa. Os da Fraga comemoram com uma comilança de que a aldeia inteira participa. Assim, é fácil de ouvir nesse dia: *quem matou? Os da Fraga*. Mas tudo começa uns meses antes, com a compra do porco. No mínimo três meses antes, Esther liga para Laurentino, ou vice-versa, e a rotina é sempre a mesma:

Tino! Vamos comprar porco ou non?
Vamos sí Esther, cando vamos?
*Vou falar com Angelito e xa te chamarei, a ver cando el pode*¹⁶.

Repentinamente, a Casa é articulada quase que completamente. Procuram um dia em que ele possa ir, e vão os três irmãos comprar os porcos. O vendedor normalmente transporta os porcos até a casa, o de Ángel fica na casa dele, e os outros dois na Fraga. Esther já *apanhou* no monte restos vegetais que vai colocando quase diariamente no estábulo dos porcos e que depois será usado como estrume para adubar os lotes. Durante o tempo que os porcos ficam em casa, são alimentados três vezes por dia, com restos de comida, milho, abóbora, couve, farinha de milho e de trigo misturadas (*terverilla*), maçãs etc. Diariamente os porcos saem do estábulo e ficam grande parte da tarde no *corral*¹⁷. Todo esse processo de criação e engorda é assumido por Esther e Isabel, enquanto Laurentino paga as despesas da criação de seu porco, caso não baste o cultivado na Casa. Normalmente poucos são os sacos de milho que precisam ser comprados, já a *terverilla* é comprada. No dia de

¹⁵ A *matanza* é praticada nos meses de inverno devido aos diferentes processos de esfriamento das carnes e cura, em que é preciso ter temperaturas mais baixas. Por isso somente a partir de novembro é que se matam os porcos.

¹⁶ Ángel trabalha na fábrica de carros que a companhia Citroen tem na cidade de Vigo. Os seus turnos de trabalho mudam cada semana, uma semana o seu horário é de 6h até às 14h, e na seguinte das 14h às 22h.

¹⁷ *Corral* é um recinto fechado para onde confluem os estábulos da casa, que ficam debaixo dos quartos.

matanza, para *chamuscar*¹⁸ o porco é preciso *fento* e *carqueijas*¹⁹ secas, que Esther tem que coletar e guardar em casa no mínimo um mês antes, para que no dia estejam secas. Veja-se que é Esther quem vai ao monte atrás dos materiais vegetais, cuida das couves, dá de comer todo dia etc.

Para marcar o dia da *matanza* é preciso conhecer a disponibilidade do pessoal que vai participar das diferentes atividades: os turnos de trabalho de Ángel e Fidel, pois ocasionalmente trabalham aos sábados; se existe a previsão da chegada de Dego; Laurentino, como é aposentado, já não tem esse problema; a disponibilidade da pessoa que vai matar o porco – normalmente é um amigo de Domingo, Sérgio – etc. De forma geral, são consultadas quase todas as pessoas conectadas com a casa, por terem, cada uma, funções previstas a desempenhar, no que poderia ser pensado quase como um ritual, que manifesta a noção de Casa como até agora vem sendo apresentada.

Marcado o dia, é preciso preparar o lugar, limpar o que vai ser usado (salgadeira, o *banco*, facas), ver se tem espaço nos *freezers* para a carne, comprar o sal etc. Todos esses preparativos são feitos por Esther, e eventualmente, se ela precisar de ajuda, procurará Fidel ou Dego. Ángel também poderá ser chamado.

No dia da *matanza*, de manhã, é preciso preparar os diferentes locais e materiais que serão usados. No local da morte serão necessários uma mangueira de água, o *banco* para transladar o porco depois de morto, assim como um *carretilho*²⁰ para transladar o animal até o local onde vai ser *chamuscado*. Para *chamuscar* o porco é necessária uma base que o separe do chão de concreto, normalmente uns paletes de madeira fazem essa função. Uma vez *chamuscado*, é *repasado*²¹ com um *soplete*²², limpo com uma máquina de água a

¹⁸ Chamuscar é o ato de queimar os pelos do porco, depois de morto.

¹⁹ Espécies comuns do estrato arbustivo da mata atlântica característica da Galiza. Correspondem aos gêneros *Polypodium* e *Chamaespartum*, respectivamente.

²⁰ Carro de mão.

²¹ Ato de limpeza da pele do porco com a mão, para detectar os lugares onde ficaram pelos sem queimar.

²² Utensílio ligado a uma garrafa de gás butano que emite uma boca de fogo.

pressão e transladado de novo ao banco onde se procede à *abertura* e ao *vaziado*²³. Uma vez limpo, é pendurado e fica no *barral*²⁴ até o dia seguinte, quando se divide e salga o porco todo. Esse mesmo processo é feito com cada um dos dois porcos. Após o abate, e entre cada um dos porcos, sempre é hora do vinho e do *pincho*²⁵, em que se faz uma parada para retomar forças. Nesse momento, serve-se vinho branco e um pouco de chouriço ou presunto.

O ritmo das pessoas durante todo esse processo é frenético, sobretudo na hora do abate, pois após a execução com uma pistola de sacrificar gado, com um tiro no cérebro, é preciso sangrar e segurar o animal. Frequentemente acontecem acidentes nessa hora, pois os homens tentam segurar o animal, avançando em cima dele e amarrando as patas dianteiras e traseiras para impedir que ele se ponha de pé. Na atualidade poucas vezes se aproveita o sangue do porco para fazer uma espécie de chouriço, mas, se for o caso, ele tem que ser recolhido no momento em que é aberta essa primeira via de sangue, as mulheres ficam com recipientes plásticos recolhendo o sangue diretamente do animal e mexendo com uma vara de pão, para que não coalhe. Há visivelmente tarefas guiadas pelas mulheres e outras manejadas pelos homens.

Uma vez morto o porco e acomodado no local adequado, tudo fica mais calmo. No local de chamuscar o porco, as crianças esperam com o fogo aceso e umas varas para ajudar a queimar os pelos do porco. Chamuscado, aberto e pendurado, é hora de recolher e limpar os materiais usados. O fento e carqueija não usados voltam para o lugar onde estavam, pois serão aproveitados no ano seguinte. O banco tem que ser limpo, a máquina de água recolhida, os panos cheios de sangue vão para lavar, os baldes plásticos também, e uma pessoa tem que enterrar, num lote vizinho da casa, os intestinos dos porcos. Depois de tudo arrumado e limpo, é hora de comer.

²³ Atos de abrir o porco, retirar as vísceras e prepará-lo para ser pendurado, e esfriar as carnes até o dia seguinte.

²⁴ Construção onde se elabora e conserva o vinho, contém uma prensa, a salgadeira, e é o lugar onde fica pendurado o porco.

²⁵ Aperitivo.

Na Fraga participam normalmente nesse dia as pessoas que se encontram ligadas diretamente com essa atividade. Laurentino e Asunción por terem um porco, Domingo, Esther e Isabel por estarem em *casa*, Ángel sempre vai ajudar na matança, Carmen e Daniel também aparecem em algum momento; excepcional é participarem de todo o processo. Sérgio, porque vai matar, e os netos que *estão em casa*²⁶ – Dego, Fidel e Isabel, ainda que esta última não participe das atividades. Assim, com todas as pessoas que ajudaram na matança, reunidas ao redor de uma mesa, esse dia tem todas as características de um dia festivo. A comida é prolongada com conversas que vão desde como se deu a matança até piadas e comparações com os porcos dos anos anteriores. Eventualmente algum primo mais distante, genealogicamente falando, mas vizinho da aldeia, passa pela casa para tomar café.

No dia seguinte, as mesmas pessoas seguem trabalhando ainda nos porcos, eventualmente pode aparecer também Florencio, irmão mais jovem de Isabel Amoedo, outro *Xulian*. Se Florencio aparecer, ele será o encarregado de colocar as carnes dentro da salgadeira. Uma vez acabadas todas as atividades – partir, salgar, ensacar para congelar, limpar os locais e materiais usados e arrumar tudo –, mais uma vez todos se reúnem ao redor da mesa, para a hora do almoço. Nesse almoço são convidadas todas as pessoas da família, independentemente de terem trabalhado na matança ou não, é uma refeição familiar. Normalmente chegam os filhos de Ángel (Ángel e Cristina), Fidel e Dego; não é frequente que Miguel Ángel e Marcos apareçam para comer nesse dia. Outra das mudanças que se podem perceber à luz desse evento é que de fato Marcos e Miguel Ángel só participam da matança da Casa da Fraga, ao passo que os que moram nas Cortellas, ou Ángel que mora na Seca, participam da maioria das matanças do entorno, se não de forma presencial, eles vão certamente saber que casa foi a que matou.

Para destacar ainda mais a *Casa* e as relações que através dela se dão, evocaremos agora outro evento que aglutina as pessoas da Casa (internamente), ou poderíamos estender essa afirmação ao conjunto da aldeia, dizendo das

²⁶ Com essa expressão são conhecidos os netos que moram na casa ou perto dela, como é o caso de Fidel: sem morar de fato na casa, ele *é da casa*.

Casas, no nível da aldeia – externamente –, que são as festas da aldeia. Fazemos neste momento do texto essa divisão entre dentro e fora, pois planejamos a continuação um jogo de escalas que permite ver e analisar essas múltiplas dimensões da Casa, como se tratasse de um elemento fractal (Carneiro da Cunha, 1998).

San Francisco de Assis é o patrono da aldeia, e a festividade é celebrada no dia 4 de outubro. Nesse dia as missas cristãs começam às 8h da manhã, e ocorrem de hora em hora, até às 13h, quando se realizam a missa solene e a procissão.

Queremos destacar dessa festividade dois aspectos, que julgamos “fundamentais”. Por um lado, a festa é o evento mais importante do ano, não só para os que moram na aldeia, mas também é central para a reificação identitária da vida social das pessoas que têm alguma ligação com ela. Por outro lado, temos que dizer ainda que é possível perceber, através da festa e dos preparativos necessários para que aconteça, diferenças na forma de “participar” desse evento, entre as pessoas que moram na aldeia e as pessoas que vêm à festa, similarmente ao que expusemos anteriormente no caso da matança do porco.

Continuamos relatando as diferenças e mudanças no uso que se faz dessa festividade, com as pessoas que vêm de fora. Estes em geral chegam de carro à aldeia. Participam do ato religioso e depois descem para o *torreiro*²⁷. Nesse lugar, e antes da hora do almoço, anualmente ocorrem encontros entre pessoas que por inúmeros motivos, de fato, só se encontram nesse dia, hora e lugar. Esse evento anual, marcado de sociabilidade, poderia ser pensado como cíclico, acontece todo ano, mas também pode ser visto como um evento de renovação e reativação das relações sociais, que tem como referência a família, o pertencimento à aldeia e os amigos da infância, num processo que é constantemente renovado com a presença anual.

Assim também é o momento de encontro em torno do balcão de bar, em que se valoriza o fato de compartilhar uma porção de polvo com muitas

²⁷ Largo onde se vai celebrar a festa à noite. Em geral são contratadas duas bandas musicais, responsáveis por animar a noite.

peças e se trocam abraços e conversas com os amigos de infância. Para Rodrigues (2012, p. 14), a festa, ou melhor, “a representação da festa, sua simbologia amparada por todo o conjunto de significações, constitui essa espécie de símbolo para o indivíduo original de Vilas Boas, traço distintivo máximo, diacrítico por assim dizer”.

Uma vez finalizado o evento religioso, a banda de música desce e toca diante do bar, momento que as pessoas aproveitam para sair para dançar. A partir das 14h, todos vão para sua Casa almoçar. A refeição é demorada, vários são os pratos servidos, ainda que normalmente o *caldo* sempre esteja no cardápio. O caldo é uma espécie de cozido, que contém diferentes carnes (vaca, porco e galinha) e vegetais (couve, batata, repolho, feijão etc.). Tudo isso, é claro, são *cousas da Casa*, devendo ser entendida essa expressão como uma forma de se referir à produção própria. Nesse dia, os planos de futuro dos que estão estudando, a saúde da avó Isabel, os porcos, o vinho e, como não poderia deixar de ser, a política (em termos de Estado, economia etc.) são temas de conversa que, ano após ano, se repetem pontualmente. Ao acabar a refeição, um café e uns *chupitos*.²⁸

As pessoas que vêm de fora, sobretudo a geração das pessoas que não se socializaram na aldeia, em geral têm algum tipo de compromisso marcado à tarde-noite, que justifica a ida para a cidade, portanto a partir das cinco ou seis da tarde começam as despedidas. Os pais costumam ficar até mais tarde, ajudam a limpar as louças, arrumar a casa e, às vezes, ficam até o dia seguinte, pois à noite a festa continua para os que moram na aldeia.

Para as pessoas que moram lá, a festa começa meses antes, com os preparativos, a criação de uma comissão que irá Casa por Casa, não só das Cortellas, mas também das aldeias vizinhas, solicitando uma contribuição econômica para ajudar nos gastos de contratação dos grupos que irão animar a festa – a banda de música que toca na procissão, as equipes de som etc. Nove dias antes do dia da festa – 4 de outubro – começa a *novena*, e já para esse dia é preciso ter uma logística mínima: uma dúzia de fogos de artifício

²⁸ Nome genérico do vasilhame em que se servem, após as refeições, doses de uísque, rum, aguardente etc.

para o hasteamento das bandeiras da Galiza e da Espanha – esse momento inaugura oficialmente a entrada da aldeia em festa –, a *capilla* tem que estar limpa, os santos descem do seu altar para uma mesa que preside a entrada da capela, e algumas flores. Todas estas atividades são administradas pela comissão organizadora da festa – um pequeno grupo de cerca de quinze pessoas, que desde a década de 1990 organiza anualmente a festa. Nessas atividades a Casa é a unidade de contagem das pessoas que participam, assim resulta normal escutar, *não veio ninguém da Fraga?* Ou ainda: *que Casa falta?*

O ambiente de festa começa a inundar a aldeia, as pessoas se encontram “religiosamente” na *novena*, e, no fim do culto, o destino é o *teleclub*. É permitido aos mais jovens, que têm escola no dia seguinte, ficar mais tempo na rua. As demonstrações de sociabilidade e vicinalidade vão crescendo conforme vai se aproximando o dia da festa. Nos dias anteriores à festa, tudo tem que estar organizado para o grande dia, o *torreiro* limpo, o bar montado, as instalações de luz têm que funcionar, a *carpa* – que cobre o *torreiro* – também tem que estar montada, são os últimos dias de coleta de dinheiro, em alguns casos havendo a necessidade de ir até a casa da pessoa para recolher o que é oferecido. A capela e as ruas da aldeia ficam iluminadas, e o som ligado desde às 8h da manhã até a noite. É a prévia da festa. Já no dia da festa, as *presas de ultima hora* – preparativos que no mesmo dia da festa ainda não se encontram prontos – se cruzam com a chegada dos convidados, comentários sobre as vestimentas etc. Só depois da refeição é que começa tudo de novo, pois os grupos musicais que animarão a noite de festa chegam com seus materiais, para montar o palco, fazer os testes de som etc. No horário da tarde, os que organizaram a festa se encontram no *torreiro* para supervisionar todos os preparativos, ao mesmo tempo que as pessoas convidadas de suas casas começam a abandonar a aldeia. O movimento seguinte é dos mais velhos do lugar, que vêm para “supervisionar” os detalhes, e assim decorre grande parte da tarde. Uma vez lá, vai-se na *casa de um tomar café, depois na do outro*, e assim vai passando a tarde de casa em casa e entre as pessoas do lugar. No dia seguinte à festa, as pessoas se encontram para comentar o que aconteceu na noite, e às vezes a organização aproveita para fazer as contas, ao mesmo tempo que o material é recolhido, a carpa desmontada, o som retirado, assim como as bandeiras da capela, e a aldeia volta ao seu tempo normal.

Daqueles que são da Casa da Fraga, nos últimos anos Laurentino e Asunción começaram a ficar na festa à noite, no entanto seus filhos ficam poucas vezes, mesmo quando moços. Fidel e Dego, ao contrário, têm uma presença maior, inclusive nos preparativos. Esse tipo de transformações marca de alguma forma uma dinâmica própria do dia da festa, pois, se de manhã todas as pessoas se encontram na aldeia, à tarde e à noite só os maiores os fazem, e são as pessoas que moram o ano todo na aldeia que vão desfrutar da festa, aqueles que estavam trabalhando para que ela acontecesse e para quem ela tem um significado maior.

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Depois de ter apresentado algumas atividades sociais, dinâmicas de mobilidade, e depois de ter mostrado como nas festividades são renovados os vínculos com a aldeia e as Casas, achamos necessário e gostaríamos de expor brevemente algumas das transformações presentes ao longo do texto e que seria preciso enfatizar²⁹.

A Casa da Fraga se insere em dinâmicas de mobilidade que extrapolam o “local” e que poderiam ser pensadas num marco maior. Referimo-nos expressamente a processos como a redistribuição de força de trabalho, industrialização, urbanização etc. Objetos de estudo já clássicos da antropologia realizada na Galiza³⁰.

²⁹ Um trabalho interessante sobre mudanças e transformações de um contexto rural da Galiza foi escrito por Raúl Iturra (1987). No artigo o autor explora as consequências e transformações que aconteceram num enclave rural, após a chegada e instalação de uma companhia multinacional que mudou os padrões produtivos locais, através de projetos específicos oferecidos tanto pela companhia quanto pelo Estado. O autor mostra o impacto, a resistência, transformações, mudanças e as diferentes estratégias usadas pelos agricultores perante a companhia e seus vizinhos, aqueles que produziram para a companhia, os que rejeitaram fazê-lo etc.

³⁰ Xerardo Pereiro Pérez (2002), Raúl Iturra (1987, 1988, 1999), Julia Varela (2004), Sharon Roseman (2008) e Marcial Gondar (1993) são alguns autores que vêm abordando a temática.

Não estamos, em momento algum, desligando ou ilhando o contexto rural, pois esses contextos fazem parte das atuais configurações sociais. Para as pessoas da Fraga, o significado de sua Casa na atualidade não pode ser entendido sem esses processos maiores, dos quais também fizeram parte. Assim, é através da mobilidade que decidimos centrar nos eventos que juntam as pessoas, vimos como convergem para uma mesma atividade e um mesmo lugar pessoas que foram socializadas em lugares e contextos diferentes, o que implica também uma relação diferente tanto com as pessoas quanto com as atividades desenvolvidas pela Casa. Vimos como Marcos e Miguel Ángel participam das atividades, mas com um caráter temporal diferente, foram socializados num outro contexto, os seus amigos estão fora da aldeia e sua relação atual com as pessoas de lá se limita aos espaços e tempos das festividades ou dos eventos da Casa. Num outro sentido, para Fidel, Deigo ou Isabel, além de a festa ser nas Cortellas, dela participam tanto os parentes quanto os amigos. É a relação que se dá com essas atividades que mudou de uma forma mais clara.

Outro caso similar é o acontecido no ano de 2006, quando Esther e Ilda (nora de Daniel) decidiram reunir todos os Xulians, como não podia deixar de ser, ao redor de uma mesa e comida, dessa vez num restaurante. Todos os irmãos de Isabel e seus respectivos cônjuges, filhos, netos e bisnetos, ao todo quase 200 pessoas. Parecia que se tratava de um casamento. Todos os Xulians, com vínculos com o eido da Fraga e a tia Xuliana. Nesse dia a “xulianidade” foi colocada como matriz e todos eram parentes e amigos, ainda que na cotidianidade da vida da aldeia algumas daquelas pessoas, mesmo sendo vizinhas, não tenham relação, ou tenham uma relação conflituosa. No dia seguinte à reunião, nas Cortellas cada um voltou a ser do Burgo, da Cova, dos Pedrouces ou da Fraga. Nas palavras de Woortmann (2002, p. 134), “as relações de parentesco são continuamente construídas e reconstruídas, de maneiras diversas, por sujeitos concretos em situações específicas”.

Esse exemplo nos permite fazer alguns apontamentos interessantes. Podemos enquadrar essa atividade como um reflexo da ampliação geracional que à luz desses processos maiores vem acontecendo; se anteriormente o casamento implicava, tomando todos os cuidados, ter que fazer parte integral

de outra Casa, vimos como existe margem para que esses conflitos fiquem momentaneamente paralisados.

Mas também é importante dizer que várias são as pessoas mais velhas que, coincidindo naquele momento, comentavam como na atualidade a vinculação com a Casa é maior, ampliada no sentido geracional. Se na geração de Isabel pudemos constatar que, sem deixar de ser um Xulian ou de considerar-se Xulian, o irmão de Isabel chamado José, uma vez casado na casa de Alberte, passou a ser conhecido como José de Alberte, Angelita casou com o Vicário etc. Hoje em dia a distância genealógica que a Casa consegue aglutinar é maior. Além da possibilidade de assumir rixas entre irmãos, mas que na verdade eram das respectivas casas, devido à importância e conflituosidade que se dava na aldeia, por exemplo, em relação à terra; hoje em dia vemos como essas problemáticas aparentemente ficaram longe. Esther trabalha as terras de Laurentino, pois ele não as pode trabalhar; o mesmo acontece com as de Ángel. A Casa se transforma com as diferentes mudanças. Assim, podemos chegar a induzir uma afirmação que precisaria de mais aprofundamento na pesquisa, pois se a Casa segue sendo uma referência, ela ampliou suas margens geracionais, e mais: seria também possível entender essa mudança através da relação que as pessoas estabelecem com a *terra*³¹ e com as atividades que nela acontecem. Pois a terra e a agricultura foram o sustento das famílias até recentemente, e seria através da análise dela e do seu uso atual que também poderíamos abordar a temática; mas neste caso foram selecionadas outras vias.

Assim, também acreditamos que a própria categoria Casa não está fora das transformações, acreditamos no dinamismo, reificação e necessidade de trabalhar com essa categoria, a fim de poder perceber essas mudanças acontecerem de forma processual.

³¹ Terra é uma palavra versátil, pois ao mesmo tempo que implica substrato, ela é usada como referência de lugar, como quando se diz “a minha terra” ou “*terra natal*”, ou então é ligada a uma série de valores, adjetivos, características compartilhadas pelas pessoas daquele lugar, por exemplo “*as pessoas da terra*”. Esta parte também está sendo ampliada na pesquisa.

CONCLUSÃO

Como afirmam Pina-Cabral & Lima (2005), é preciso saber, genealógicamente falando, até onde uma pessoa é parente e a partir de onde não é mais, pois as relações de parentesco, ao fim e ao cabo, não deixam de ser contextuais. Os movimentos de retração e expansão do parentesco ou – usando o mesmo autor – a “vicinalidade”, entendida como uma categoria intermédia que permite agregar ou desagregar parentes e afins (*ibid.*, 2011), são relações sociais que precisam ser problematizadas através de nossa ferramenta antropológica, isto é, o trabalho de campo. Nas Cortellas, todos conhecem muito bem as ligações de parentesco e as conexões que unem as diferentes *casas*, porque a Casa é a unidade organizacional local. Não aparecem neste texto a quantidade de primos e primas, netos, sobrinhos e tios com os que contam os Xulians, pois, de fato, nesses momentos relatados, eles não são evocados (não que nunca sejam evocados ou enunciados, pelo contrário). Em aldeias como as Cortellas, em que a cooperação intervicinal era fundamental na vida social, as relações de proximidade e vizinhança norteiam e “manipulam” as ligações de parentesco. Como vimos no relato da matança do porco, só duas gerações são convocadas, algumas pessoas para trabalhar, outras para comer, outras para fazerem rir, mas todos são necessários e sem eles não faria “sentido” aquela comida. Isso se percebe também na nostalgia expressada pelos mais velhos do lugar, quando falam das lavouras que eram realizadas *nos tempos de antes*, o fato de se juntarem era a melhor recordação, por isso, hoje em dia, quando os mais velhos veem que se juntam quatro ou cinco moços para buscar lenha para a estufa do *teleclub*, vibram de emoção. Em situações como essa, de manutenção do *teleclub* ou ainda da festa de San Francisco, a vizinhança é um valor fundamental: “*quando um precisa de alguém a quem chama? ao vizinho. Mas qual vizinho?, o da casa do lado(!)*”. Tampouco podemos entender as relações de forma unilateral, seja como vizinho ou parente, pois o pertencimento, ou não, se dá dentro de um “leque” ou “jogo” de possibilidades. Mas a Casa perdura no tempo, pode mudar de nome, de pessoas e de relações. A Casa funcionou e funciona como uma categoria organizativa da aldeia e das próprias famílias, pois, como vimos ao longo do

texto, duas esferas foram apresentadas, uma interna (a *matanza* do porco) e outra externa (a festa de San Francisco). A primeira (interna), para mostrar quem é parente, e a segunda (externa) para dizer quem é vizinho. Como se se tratasse de uma leitura fractal (Carneiro da Cunha, 1998). A Casa nos permitiria unir esses diferentes elementos do universo social das Cortellas.

ABSTRACT: This article brings about a discussion on aspects of social life within a small rural village of Galiza, called Cortellas. With a comparison between the different definitions of the analytical category of 'household' and drawing from ethnographic examples of the House of Fraga or Xulians, both changes but also persistence within social organization of village and family are shown. In a first step the village is geographically localized. Subsequently a discussion of a more theoretical nature is proposed, taking into account contributions of authors such as Lévi-Strauss, Pierre Bourdieu and Carmelo Lison Tolosana. It were those theorists who made important contributions to the here most relevant analytical category of 'household'. Finally, in the attempt to link theory and field, mainly two pivotal events, namely the pig-slaughter and patronal feast of San Francisco are studied. Especially through perceiving the roles and activities distributed among participants of these particular events, a thorough description of kinship and neighborhood relations becomes emergent.

KEYWORDS: household, family, kinship, vicinality, transformations.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. W. B. de. Redescobrimdo A Família Rural Brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 66-83, 1986.
- BESTARD, J. El método comparativo: el caso de la familia y el parentesco en Europa. In: GARCÍA GONZÁLEZ, F. (coord.). *La historia de la familia en la Península Ibérica. Balance regional y perspectivas. Homenaje a Peter Laslett*. Cuenca: Edición de la Universidad de Castilla la Mancha, p. 473-493, 2008.
- BOURDIEU, P. *El Baile de los solteros. La crisis de la sociedad campesina en el Bearne*. Barcelona: Anagrama, 2004.

- CARNEIRO DA CUNHA, M. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. *Mana* [online], v. 4, n. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131998000100001&script=sci_arttext. 1998.
- FERNÁNDEZ DE ROTA Y MONTER, J. A. *Antropología de un viejo paisaje gallego*. Madrid: CIS-Siglo XXI, 1984.
- _____. Cooperación Tradicional en Monfero. O marco parroquial coma horizonte da 'axuda' veciñal. In: *Traballos Comunais no mundo rural. Boletín Auriense*, Anexo 7, Museo Arqueolóxico Provincial, Ourense, 1987.
- FIDALGO SANTAMARINA, J. A. *Antropología de una parroquia rural*. Ourense: Caixa Rural, 1988.
- GONDAR, M. *Crítica da razón galega*. Vigo: A Nosa Terra, 1993.
- GORDON JR., C. About the house: Lévi-Strauss and Beyond. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, Oct.. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 jul. de 2011. 1996.
- ITURRA, R. Continuidad y cambio: transición campesina en una parroquia gallega. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, n. 114, p. 9-61, 1987.
- _____. *Antropología Económica de la Galicia Rural*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1988.
- _____. Campesiñado e identidade. In: GONDAR, M. (coord.). *O Feito Diferencial Galego na Antropoloxía*. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, C., A noção de Casa. In: _____. *Minhas Palavras*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LISÓN TOLOSANA, C. La Casa en Galicia. In: _____. *Ensayos de Antropología Social*. Madrid: Ayuso, p. 109-164, 1973.

- _____. *Antropología Cultural de Galicia*. Madrid: Siglo Veintiuno de España, 1971.
- PÉREZ GARCÍA, J.M. Familias y hogares en Galicia y en la Cornisa Cantábrica durante el antiguo régimen. In: GARCÍA GONZÁLEZ, Francisco (coord.). *La historia de la familia en la Península Ibérica, balance regional y perspectivas: homenaje a Peter Laslett*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, p. 57-84, 2008.
- PEREIRO PÉREZ, X. *Espacio, tempo e historia nunha vila galega*. Palas de Rei, 2002. Texto revisado (1997 – 2002) da tese de doutoramento en Antropoloxía Social, Setembro. Universidade de Santiago de Compostela. Texto cedido pelo autor.
- PINA-CABRAL, J. *Agnatas, Vizinhos e Amigos: Variantes da vicinalidade em África, Europa e América*. Versão preliminar apresentada na ANPOCS. Texto cedido pelo autor. 2011
- PINA-CABRAL, J & LIMA, A.P. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. *Etnográfica*: Lisboa, v. IX (2), p. 355-388. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_09/N2/Vol_ix_N2_JPCabral&APLima.pdf>. Acesso em: 27 jul. de 2011. 2005.
- PIT-RIVERS, J. The kith and the kin. In: GOODY, Jack (org.). *The Character of Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press 1973, p. 89-105.
- RIVERS, W. H. R. O método genealógico na pesquisa antropológica. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.). *A antropologia de Rivers*. Campinas: Unicamp, 1991, p. 51-71.
- RODRIGUES, W.E. A festa cá nos chama: Dinâmica emigratória em uma aldeia camponês do nordeste português. Texto apresentado na UFSCar. Cedido pelo autor. 2012.
- ROSEMAN, S. *O Santiaguino de Carreira. O rexurdimento dunha base rural no concello de Zas*. La Coruña: Baía, 2008.

VARELA, J. *A Ulfe. Socioloxía dunha comunidade rural galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco, 2004.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. In WELCH, Clifford Andrew *et al.* (Orgs.). *Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas*. São Paulo: Unesp; Brasília: Nead, v. 1, p. 217-238, 1990.

_____. A Etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou o que fazer.